

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**TAMIRIS DA SILVA PENICHE NUNES**

PRÁTICA INFORMACIONAL DOS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Rio de Janeiro

2017

TAMIRIS DA SILVA PENICHE NUNES

PRÁTICA INFORMACIONAL DOS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marianna Zattar.

Rio de Janeiro

2017

N972p

Nunes, Tamiris da Silva Peniche.

Prática informacional dos nativos digitais: um estudo do processo de aprendizagem sociointeracionista / Tamiris Peniche – Rio de Janeiro, 2017.

56f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marianna Zattar.

1. Prática informacional. 2. Pedagogia da Autonomia. 3. Pedagogia Libertadora. 4. Competência em Informação. 5. Nativos Digitais. I Zattar, Marianna. II Título.

CDD 027.7

**TAMIRIS DA SILVA PENICHE NUNES**

**PRÁTICA INFORMACIONAL DOS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2017.

---

Profa. Dra. Nysia Oliveira de Sá

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

---

Prof. Dr. Robson Costa

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

---

Profa. Dra. Marianna Zattar

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

Dedico este trabalho às futuras gerações de professores, bibliotecários e alunos. Que juntos possamos trabalhar por uma Educação brasileira digna na Era da Informação.

## AGRADECIMENTOS

Coloco Deus a frente de todas as coisas, aqui não será diferente. Sinto gratidão por tudo que conquistei e a Ele dedico minhas vitórias e Nele descanso minhas lutas.

Agradeço imensamente a orientação da Professora e Doutora Marianna Zattar, pois foi a primeira professora a me instigar e ensinar sobre aprendizagem e seu potencial de transformação do ser humano. Destaco a paciência, companheirismo, amizade e exemplo de profissional e dedicação, idenpendete das vezes que desisti ou erreí ao longo da minha jornada como graduanda. Foi um apoio mais que fundamental.

Há quatro anos e meio alguém segura minha mão ao longo desta jornada tão difícil, e nunca a soltou, nem por um segundo. A ele agradeço com todo meu amor, Gustavo Bessa, meu namorado, companheiro de estudo, conselheiro e amigo, como tenho dito ultimamente, meu offensive tackle me protegendo a cada lançamento dessa vida.

Dedico meus agradecimentos à minha família, meu pai Tadeu, minha mãe Hérica, minha irmã Thais e meus avós Elenice e Pedro. Todos me deram exemplos de vida e luta, investiram cada centavo para que um dia eu chegasse até aqui e me despertaram para a carreira acadêmica. Agradeço a eles pela paciência nos momentos complicados ao longo da graduação e por sempre terem acreditado no meu potencial.

Ao Professor Márcio Gonçalves que tanto me acrescentou com sua sabedoria e receptividade. Sem ele a coleta de dados não seria possível. Seu apoio foi fundamental. Aproveito para agradecer aos alunos das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo e a participação na pesquisa.

Agradeço o apoio de todos os amigos que acompanharam minhas lutas na graduação, torceram, acrescentaram com ideias e materiais que auxiliaram na finalização desta monografia, dentre eles, destaco Leticia Machado, Ellen Costa, Gisele Araújo por suas sugestões insdispensáveis, os amigos da biblioteca da FACHA Arlete, Ilma Couto e Alex, pois nunca me negaram recursos importantes para a conclusão desse trabalho e aos que ouviram meus lamentos e reclamações nos momentos difíceis, sempre retrucando-os com palavras de apoio e positivas, Gabriela Ramos, Fillipe Caetano e Pedro Ângelo.

Com muita admiração e carinho, dedico meus agradecimentos aos professores e doutores Robson Costa e Nysia Oliveira Sá, pois foram docentes que muito influenciaram na minha aprendizagem ao longo da graduação e acrescentaram para melhor desenvolver os conteúdos aqui propostos.

“[...] é preciso, além de conhecer a tecnologia, saber administrar uma sala de aula, arrebatando os corações e mentes dos alunos e engajá-los na resolução de problemas complexos usando a tecnologia.” (CATOR, 2017).

## RESUMO

Apresenta um trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação que tem como objetivo estudar a prática informacional dos nativos digitais. Justifica, entre outras coisas, a partir da necessidade de compreender o processo de aprendizagem para além das formas, modos, meios, espaços e ações tradicionais no processo de aprendizagem. Desenvolve o referencial teórico com base nas noções de Competência em Informação (American Library Association); Prática Informacional (Savolainen); Nativos Digitais (Lehmkuhl e Palfrey) e Aprendizagem Sociointeracionista (Bessa) com foco na Pedagogia da Libertação e na Pedagogia da Autonomia (Freire). Indica nos procedimentos metodológicos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa e detalha a estrutura do questionário que orientou a coleta e a análise de dados. Detalha as características da formação do campo de pesquisa, população, amostra. Indica como principal resultado a relação de prática informacional com a proposta atual da competência em informação voltada para o aprendizado coletivo. Conclui que as características dos nativos digitais demandam um olhar minucioso para a prática informacional relacionando-se com a competência midiática e em informação como ferramenta necessária no processo de aprendizagem sociointeracionista, destacando a importância de ser desenvolvida em ambientes de ensino mediada pela atuação do profissional bibliotecário.

**Palavras-chave:** Prática informacional. Pedagogia da autonomia. Pedagogia Libertadora. Competência em Informação. Nativos Digitais.



## **ABSTRACT**

It presents a conclusion work of course in Librarianship and Management of Information Unit that aims to study the informational practice of digital natives. It justifies, among other things, the need to understand the learning process beyond the traditional forms, means, spaces, and actions in the learning process. Develops the theoretical framework based on the notions of Information Literacy (American Library Association); Informational Practice (Savolainen); Liberating Pedagogy and Autonomy Pedagogy (Freire). Indicates in the methodological procedures an exploratory research with a qualitative and details the structure of the questionnaire that guided the collection and analysis of data. It details the characteristics of the research field formation, population, sample. It indicates as main result the relation of informational practice with the current proposal of information literacy directed to the collective learning. It concludes that the characteristics of the digital natives demand a distant look at the informational practice relating to the media and information literacy as a necessary tool in the process of sociointeractionist learning, highlighting the importance of being developed in environments mediated by the performance of the professional librarian .

Keywords: Informational practice. Autonomy pedagogy. Liberating Pedagogy. Information Literacy. Digital Natives.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Nascidos a partir de 1980.....	32
Gráfico 2 - Indentificar-se como nativo digital.....	33
Gráfico 3 - Recursos de aprendizagem 1.....	34
Gráfico 4 - Recursos de aprendizagem 2.....	35
Gráfico 5 - Mídias sociais como recurso de aprendizagem.....	36
Gráfico 6 - Interação com outras pessoas.....	37
Gráfico 7 - Gosto pelo trabalho coletivo.....	38
Gráfico 8 - Utilização de browser para pesquisa.....	40
Gráfico 9 - Meios de buscar informações.....	41
Gráfico 10 - Utilização da Biblioteca.....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA	American Library Association
BRAPCI	Base de Dados de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
COINFO	Competência em Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FACHA	Faculdades Integradas Hélio Alonso
ISIC	<i>Information Behavior Conference</i>
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1	PROBLEMA.....	12
1.2	OBJETIVO GERAL.....	12
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4	JUSTIFICATIVA.....	12
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	13
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO.....	15
2.2	PRÁTICA INFORMACIONAL.....	17
2.3	NATIVOS DIGITAIS.....	19
2.4	APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA.....	22
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>26</b>
3.1	CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	26
3.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	27
<b>4</b>	<b>PRÁTICA INFORMACIONAL DOS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA.....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	51
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: SUJEITO (A) DA PESQUISA.....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O universo digital amplia as possibilidades de acesso aos mais diversos conteúdos na medida em que agrega outras formas de produção, uso e registro da informação. Contudo, há que se destacar que nem sempre foi assim, pois a inserção nas dinâmicas informacionais era restrito aos documentos impressos em bibliotecas ou outras unidades de informação tradicionais. Tais mudanças influenciaram significativamente nas formas de aprendizagem.

Um jovem que nasceu no contexto em que o ambiente digital é considerado mais uma das possibilidades e, por isso, está inserido de forma simbiótica nesse universo, os desafios se estabelecem no modo em que ele desenvolve suas habilidades para criar, aprender, empreender e inovar para além dos limites que conhece. No escopo dos desafios estão também aqueles que não nasceram “nativos digitais”, mas que incorporaram as tecnologias de informação e comunicação de tal forma que devem lidar com as mais diversas transformações. Para isso, mostra-se como caminho a alfabetização digital para o aproveitamento das oportunidades oferecidas.

A amplitude de possibilidades carrega uma maior abertura para a produção de conhecimento ao utilizar a internet como meio de comunicação, como defende Lankes (2012), a construção do conhecimento acontece em nossas bibliotecas, nossas universidades, nossas casas, bares e carros. Portanto, o conhecimento é a forma como vemos o mundo determinando como agimos. A construção coletiva é um fenômeno diretamente relacionado aos espaços coletivos, onde é possível estabelecer relações e trocas de informação com outros indivíduos e, nesse âmbito, visualiza-se a biblioteca como um ambiente de construção de conhecimento indispensável em qualquer comunidade, principalmente no que tange a responsabilidade do bibliotecário como mediador da informação.

No contexto híbrido em que o digital convive com o físico destacam-se as competências para utilizar informações do meio digital e construir o conhecimento, ora chamadas de competência em mídia e em informação que, grosso modo, pode incluir as habilidades de seleção e uso da informação e também aspectos como organização e compartilhamento de informação em rede, levando em consideração os direitos do autor, o plágio, ética de uso e segurança (BARROS, 2015 apud CASARIN, 2017).

Assim, o presente trabalho é desenvolvido no escopo da prática informacional do nativo digital de forma a compreender seu processo de aprendizagem na interação com o

ambiente digital. Espera-se, com isso, a observação da necessidade de competência em informação para o desenvolvimento de conteúdos na aprendizagem sociointeracionista.

### 1.1 PROBLEMA

Como se dá a prática informacional de nativos digitais na aprendizagem sociointeracionista?

### 1.2 OBJETIVO GERAL

Estudar a prática informacional de nativos digitais na aprendizagem sociointeracionista.

### 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- a) relacionar prática informacional e competência em informação;
- b) elencar as principais características dos nativos digitais;
- c) definir o processo da aprendizagem sociointeracionista.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

A proposta deste trabalho começou na oportunidade do interesse pelas práticas de competência em informação, especialmente nas atividades que pretendem estimular habilidades informacionais para alcance de melhores resultados no que tange a aprendizagem no contexto informacional.

No escopo da Biblioteconomia percebe-se que este trabalho está inserido a partir de uma abordagem pedagógica capaz de ensinar e instruir diferentes culturas e classes sociais. Portanto, este estudo contribui para o desenvolvimento da área no que tange, especificamente, à competência em informação no ambiente educacional dos nativos digitais e a forma como aprendem os conteúdos estabelecidos em sala de aula.

No âmbito da prática, este trabalho parte da necessidade de estudar a prática informacional dos nativos digitais com os princípios da competência midiática e em informação. Para isso, elencará as principais características dos nativos digitais a partir da amostra analisada dentro do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), pois pretende-se colaborar com a perspectiva da formação universitária.

Também sobre a relevância deste trabalho, destaca-se o papel do bibliotecário como educador que participa da construção coletiva da informação de maneira que os sujeitos saibam como localizar, avaliar e usar a informação por meio de um aprendizado que permita possibilidades para além da formação acadêmica dos estudantes.

Outro ponto que justifica esta proposta é a possibilidade de observação das teorias do campo de estudos da informação, especialmente aquelas ministradas no curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por fim, indica-se que as produções sobre a temática demonstram baixo índice no campo de estudos da informação. A exemplo indica-se uma busca na literatura científica indexada na Base de Dados de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), considerada a principal base de dados referencial das publicações nacionais. No resultado da busca pelo termo, em dezembro de 2016, “Nativos Digitais” foram identificadas somente duas publicações.

## 1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente estudo encontra-se estruturado em quatro seções primárias, incluindo a introdução que oferece panorama dos principais pontos desta pesquisa. A segunda seção aponta as noções que compõem o referencial teórico que orientam as escolhas realizadas e as percepções, a saber: Competência em informação, Prática Informacional, Nativos digitais e Aprendizagem Sociointeracionista, inclusive com o histórico e os eventos importantes da temática, especialmente aquelas que contribuíram para a trajetória do campo de estudo da informação. Na terceira seção, encontram-se os procedimentos metodológicos, identificando as Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) como campo de pesquisa, estudantes da graduação como população e o terceiro período do curso de graduação em Jornalismo, Publicidade e Turismo em 2017 na unidade de Botafogo no turno da manhã como amostra. As técnicas de coleta por meio de questionário e análise de dados e os resultados retirados ao

longo da pesquisa também fazem parte da seção terciária, seguida da análise de dados na quarta seção. Encerrando, a quinta seção sintetiza a pesquisa, discorre sobre futuros trabalhos a partir dos resultados e análises encontrados, as contribuições da pesquisa para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, compondo, portanto, as Considerações Finais.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho de conclusão de curso está assentado em quatro temas básicos inter relacionados, a saber: Competência em informação, Prática informacional, Aprendizagem sociointeracionista e Nativos digitais. Pretende-se, com isso, alcançar os objetivos propostos.

### 2.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Utilizado pela primeira vez na década de 1970, na língua inglesa, *Information Literacy*. Na oportunidade, Paul Zurkowski, no relatório *The information service environment relationships and priorities*, pretendia promover diretrizes para um programa nacional de preparação e acesso universal à *Information Literacy* (DUDZIAK, 2010) e, assim, desenvolver habilidades no uso de ferramentas de acesso à informação rumo à solução de problemas e ao auxílio na tomada de decisão.

Na década de 1980, destaca-se a iniciativa de um grupo de bibliotecários e educadores responsável pela elaboração do *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* da *American Library Association (ALA)*, que popularizou *Information Literacy* como fator que reforça a relação entre sala de aula e biblioteca para desenvolver o hábito de buscar e utilizar a informação. Nesse contexto, a definição da ALA se estabelece da seguinte forma:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. (...) Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela. (ALA, 1989, apud DUDZIAK, 2010, p. 7).

Nos anos 2000 a Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida estabeleceu que é preciso ser competente em informação pra ser inserido na sociedade da informação (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2000). Em 2009, indica-se a proclamação do presidente Barack Obama, o *National Information Literacy Awareness Month*, 2009, que, entre outras coisas, instituiu o mês de outubro como o mês da Competência em Informação nos Estados Unidos (OBAMA, 2009).

Em nível nacional, indica-se a inserção, tal como se conhece, da *Information Literacy* a partir da tradução por Sônia Eliza Caregnato que, à época utilizou o termo "habilidades informacionais" na publicação do artigo "O desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede". Na mesma época outros pesquisadores desenvolveram estudos sobre a Competência em Informação, tais como Regina Belluzzo, Elizabeth Adriana Dudziak, Bernadete Campello e Maria Helena Hatsbach com termos como Competência informacional, Letramento informacional etc. (CAREGNATO, 2000; CAMPELLO, 2002; HATSCHBACH, 2002; DUDZIAK, 2003;)

Dentre os eventos no contexto da competência em informação tem-se o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), realizado em 2004, que abordou o tema habilidades e Competências em Informação em uma mesa redonda. Outro evento de destaque foi realizado em 2011, em Maceió, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), que promoveu o Seminário de Competência em Informação no Brasil e, na oportunidade, a elaboração da Declaração de Maceió. No documento o termo usado para a tradução da *information literacy* para a língua portuguesa foi competência em informação (ZATTAR; SÁ, 2015). Em 2013 foi realizado a segunda edição do Seminário de Competência em Informação, no CBBB, em Florianópolis. No evento um conjunto de bibliotecários produziu o Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação, que volta-se para as populações vulneráveis e minorias. O documento resgata, de certa forma, os princípios da proclamação do presidente Barack Obama em outubro de 2009. Em 2014, foram realizados o terceiro Seminário de Competência em Informação na cidade de Marília, onde foi elaborada a Carta de Marília que, entre outras coisas, buscava consolidar a pesquisa e prática sobre competência no Brasil, acordando também a abreviação CoInfo.

Outro evento de destaque é o Seminário sobre Competência em Informação do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), realizado nos anos de 2014, 2015, 2016 e 2017, respectivamente em Belo Horizonte, João Pessoa, Salvador e Marília. Em síntese, os eventos fomentaram a integração da rede de pesquisadores do Brasil e a proposta de monitoramento e intercâmbio de atividades de pesquisa sobre Competência em Informação no Brasil.

Também compõe a agenda é o Fórum de Competência em Informação, realizado nos anos de 2015, 2016 e 2017, com a proposta de popularizar as pesquisas e práticas de CoInfo no estado do Rio de Janeiro.

Os aspectos que tratam das noções de definições da competência em informação abrangem as possibilidades de aprendizado para além da carreira acadêmica dos estudantes e converge com outros modos de aprendizado ou com outros aprendizados. Nesse sentido, a American Library Association (ALA), em 2016, emitiu uma nova definição de competência em informação. Para a instituição, a “Competência em informação é o conjunto de habilidades integradas que abrange a descoberta reflexiva da informação, o entendimento de como a informação é produzida e valorizada, e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e participação ética nas comunidades de aprendizado.” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016, p. 3, tradução nossa). Em síntese tem-se que a indicação da ALA permite que a competência em informação seja observada como uma iniciativa que se adequa ao ambiente atual da informação sob a perspectiva da construção coletiva do conhecimento na medida em que deve abranger além da necessidade, habilidade, localização, avaliação e uso e, com isso, as possibilidades de aprendizado para além da carreira acadêmica dos estudantes e converge com outros aprendizados, enfatizando dinamismo, flexibilidade, crescimento individual e aprendizado coletivo (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016). Portanto, a construção coletiva é uma prática que vem se tornando atrativa no âmbito da competência em informação, capaz de auxiliar o indivíduo no desenvolvimento das habilidades necessárias.

## 2.2 PRÁTICA INFORMACIONAL

Os estudos sobre prática informacional tem uma estreita ligação com os estudos de usuários da informação, busca informacional e comportamento informacional (ZATTAR, 2017). No contexto da construção coletiva tem-se na década de 1980 as contribuições de Marteleto sobre práticas de informação no ambiente escolar ao, diferente das demais, considerar os significados atribuídos pelos indivíduos na realização de ações de busca, uso e disseminação de informações (MARTELETO, 1995). Savolainen (2007) aponta que, com base nos estudos antropológicos, a capacidade de conhecimento dos atores em procedimentos de senso comum é enfatizada no que tange produção, análise e sentido às atitudes dos outros e às circunstâncias indicadas. No aprendizado, decorrente de contextos cotidianos, o compartilhamento de informações e negociação de significados, valores e objetivos definem a ideia de comunidade de prática estabelecido por Lave e Etienne em 1991 (SAVOLAINEN, 2007).

Destaca-se que eventos como o *Information Behavior Conference* (ISIC) dedicam-se aos estudos sobre prática informacional. O ISIC é um evento internacional que acontece a cada dois anos desde 1996 e que procura refletir e atrair documentos de pesquisadores em diversificadas áreas consideradas essenciais no desenvolvimento do tema (ISIC, 2016, tradução nossa).

Práticas informacionais supõem interação entre os processos de busca e uso de informação constituídos coletivamente, socialmente e dialogicamente na interação entre os membros da comunidade envolvida (ZATTAR, 2017). Portanto, são práticas que se realizam como construção social e enaltece a perspectiva social da informação.

Bateson (1972) traz contribuições para melhor entender prática informacional ao colocar a informação como qualquer coisa que é importante na resposta a uma questão. Informação deve ser definida de acordo com a necessidade dos grupos-alvos. Complementarmente, Marteleto (1995; 2002) ressalta a importância da cultura e do contexto, apontando posteriormente que as práticas sociais são consideradas práticas informacionais. Desta forma, a prática informacional se caracteriza como uma ação complexa, pois não pode ser visualizada exclusivamente como parte ou como a soma das partes, já que apresenta um olhar complexo (ZATTAR, 2017).

Pinto e Araújo (2012) destacam que as relações sociais são importantes no que tange a prática informacional ao relacioná-las com *habitus*, noção trazida por Bourdieu e que define-se como “um produto das relações sociais que engendra a formação do indivíduo, conformando e orientando sua ação, num determinado contexto” (PINTO; ARAÚJO, 2012, p. 34). Logo, envolve percepções, gostos e maneiras de entender a realidade, alimentando o campo – estrutura delineada por ações, representações e relações sociais – na construção de informação como expressão cultural de indivíduos posicionados pela estrutura (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004). Tais características mantêm o *habitus* coletivo e as práticas dos sujeitos, portanto, as ações de uso, busca e disseminação estão submetidas a dialética entre o *habitus* e a necessidade de informação. Vale ressaltar as desigualdades no que tange a posição de atores nas estruturas do campo, assim como ao falar sobre meio digital e acesso à informação, é importante destacar diferenças no desenvolvimento econômico e social, na tecnologia disponível, no índice de analfabetismo entre outros fatores agravantes do abismo da participação. Determinada posição ocupada pelo sujeito influencia em suas práticas informacionais, isto posto, produção, busca, recepção e apropriação de informações podem ser compreendidas a partir das posições na estrutura social (PINTO; ARAÚJO, 2012).

A prática informacional é uma vertente que dialoga com os estudos de competência em informação ao levar em consideração o que observa Ward (2006), pois trata-se de uma ideia dinâmica e crescente para incorporar diversificadas habilidades necessárias aos indivíduos inseridos na era da informação, fugindo a uma noção estática e limitada. Em um ambiente não estático e ilimitado como o digital, a prática informacional reforça o olhar minucioso para o sujeito socialmente constituído, bem como para as interações em rede no que tange a visão, utilização e procura da informação (ROLIM; CENDÓN, 2013), pressupondo cada vez mais que a aprendizagem na sociedade da informação e com a presença de nativos de digitais é melhor elaborada se acompanhada de uma visão coletiva e de lugares e espaços que permitam a aprendizagem coletiva para construção do conhecimento.

### 2.3 NATIVOS DIGITAIS

A internet, infraestrutura de redes, servidores e canais de comunicação, surge no final da década de 1960 como uma solução para a troca de informações. Trata-se de um projeto que Ted Nelson e Douglas Engelbart (1962) idealizaram como algo que fosse além da troca, possibilitando melhor organização e acesso ao crescente repositório de informações disponíveis na internet. Nesse sentido surge na década de 1980 por Tim Bernes Lee a Web (SOUZA; AVARENGA, 2004). Assim, a partir da década de 1980 o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação teve uma aceleração de forma que foi integrada ao cotidiano das pessoas por meio da apropriação de computadores pessoais (CHU, 2003). Tais descobertas e mudanças vem influenciando comportamentos, culturas e práticas em diferentes comunidades e contextos.

As alterações na sociedade impactaram também no modo com que as pessoas se relacionam e interagem. Exemplo disso são os chamados “nativos digitais” que, de acordo com Karyn Lehmkuhl (2012), surgiu em 1999 por Tapscott, Howe e Strauss (2000) e Prensky (2001). Para os autores, Aa geração net, geração Y, *millennials*, ou s nativos digitais são aqueles nascidos na década 1980, ou seja, junto com o nascimento da Web e a internet é tão familiar que suas experiências são de total imersão na tecnologia.

Lehmkuhl (2012) ressalta que há muitas discussões quanto as terminologias, pois “net” e “nativos digitais” referem-se à suposta relação com tecnologias de informação e comunicação que esses indivíduos possuem. Já o termo “*millennials*” originou-se do fato de que essa geração testemunhou a chegada do novo milênio e tem atitudes transformadoras que

vão além das suposições sobre o que os jovens pós-modernos podem se tornar (HOWE; STRAUSS, 2000) e, por fim, a designação “geração Y” é usada apenas por se tratar de uma geração posterior à geração X.

O termo “nativos digitais” está intimamente ligado à concepção de nativos na linguagem digital. Sob essa perspectiva as gerações anteriores são consideradas imigrantes digitais, segundo Prensky (2001), pois já que para ele, o imigrante digital usa com desenvoltura os recursos da internet para recuperação de informação, mas ainda prefere recorrer aos manuais de usuários para aprender como utilizar um novo *software*. Uma das características dos nativos digitais é não recorrer a manuais e sim aprender com o próprio uso da ferramenta.

Assim sendo, indica-se a adoção do termo nativos digitais como referência àqueles nascidos nos anos após 1980 e tiveram significativo contato com as tecnologias de informação e comunicação ao longo dos anos em sua formação e hoje, em 2017, tem estão na faixa etária a partir dos 37 anos. Em síntese indica-se que os nativos digitais são familiarizados com a internet e sua experiência com a tecnologia é de imersão, apresentando como uma das características marcantes o fato de estarem constantemente interagindo com telas e por meio de mídias/ redes sociais (LEHMKUHL, 2012). São indivíduos que tem os principais aspectos de suas vidas mediados pelas tecnologias digitais e não convivem com modo de vida diferente (PALFREY, 2011).

Antes de avançar é importante indicar que não são somente essas definições que podem delinear as características dos nativos digitais, pois é necessário um aprofundamento e reconhecimento de outras características para melhor entender como se comportam. Desse modo, é importante destacar que um país com dimensões continentais e diferença significativas no desenvolvimento econômico e social apresenta também divergências nas questões relacionadas ao acesso, pois nem todos tem acesso à uma determinada tecnologia porque nasceram no ano específico. Nesse sentido, Palfrey (2011) destaca que nos países ricos como os Estados Unidos da América e a Suíça há altos níveis de acesso de banda larga às residências, altos índices de alfabetização e sistemas educacionais frequentemente enfatizam o pensamento crítico. No mundo em desenvolvimento, como o Brasil, por exemplo, a tecnologia, muitas vezes, é menos priorizada. Exemplo disso é que a eletricidade, com frequência, é escassa, o índice de analfabetismo é alto. Lehmkuhl (2012), baseada em autores como Frand (2000), Prensky (2001a), Hollyday e Li (2004), Green e Hannon (2007), Jukes e Dosaj (2006), Clossey (2008), Sheesley (2002) e Brown, Murphy e Nanny (2003), destaca

características e atitudes atribuídas aos nativos digitais, porém essas atribuições são baseadas em um senso comum e defendem que tais conclusões carecem de uma base empírica sólida.

- a) são multitarefados, podendo, por exemplo, tranquilamente assistir à televisão enquanto ouvem música e trocam mensagens com amigos pelo celular;
- b) funcionam melhor quando em rede e realizando atividades colaborativas. Gostam de compartilhar e construir conhecimentos juntos;
- c) querem entretenimento aliado à educação e, dentro do possível, aprender através de jogos;
- d) são aprendizes bastante visuais, preferindo gráficos e imagens a textos;
- e) querem acessar a informação de modo mais interativo, preferindo o hipertexto à linearidade do texto impresso;
- f) preferem receber informações rapidamente e por meio de múltiplas fontes multimídia;
- g) querem acesso instantâneo a serviços e contato o mais rápido possível com os amigos, não apresentando muita tolerância a demora;
- h) jogos de computador, videogames, Internet, telefones celulares, mensagens instantâneas são integrantes da vida desses indivíduos;
- i) buscam informação primeiro na Internet e depois em outros meios;
- j) confiam nas suas habilidades no uso da tecnologia e na localização de informações na web;
- k) preferem ler em uma tela de computador a ler documentos em papel;
- l) trafegam à vontade entre o real e o virtual e podem habitar mais de um espaço virtual por vez;
- m) percebem a tecnologia de um ponto de vista otimista.

As características destacadas por Lehmkuhl (2012) demonstram, de certa forma, consequências no comportamento do indivíduo ao estar em constante contato com as tecnologias de informação e comunicação, ressaltando que a necessidade dos nativos digitais começa a exigir modificações nas ferramentas de aprendizado tradicionais para uma abordagem mais interativa. Palfrey (2011) indica características dos chamados nativos digitais, percebe-se que a definição abordada pelo autor não se distancia muito da definição citada acima:

- a) Passam grande parte da vida online;
- b) Identidade digital e identidade no espaço real são apenas uma (híbrida);
- c) Computadores e celulares são mediadores de conexões humanas;
- d) Unidos por práticas comuns:
  - quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais;
  - tendência para multitarefas;
  - como se expressam e se relacionam mediados pelas tecnologias digitais;
  - seguem um padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações digitais e criar novo conhecimento e novas formas de arte. (PALFREY, 2011, p. 14).

Prensky (2001 apud LEHMKUHL, 2012) aponta que crescer com jogos eletrônicos, computadores, *e-mail*, mensagens instantâneas, internet, telefones celulares é privilégio da geração dos nativos digitais e dos fluentes em mídia digital.

O mundo digital oferece novas oportunidades para aqueles que podem aproveitá-las, possibilitando novas formas de criatividade, aprendizagem, empreendimento e inovação, mas para atingir essa realidade as resistências não se limitam à separação entre aqueles que tem acesso à rede e aqueles sem acesso a ela, mas, principalmente às “[...] habilidades para navegar neste mundo complicado e híbrido em que seus pares estão crescendo. Esta será uma desigualdade inusitadamente importante movendo-se para frente.” (PALFREY, 2011, p. 18). Dessa forma, nota-se que o acesso e o tipo de acesso à informação em ambiente digital podem ser determinantes na medida em que há um impacto no cotidiano.

#### 2.4 APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA

A aprendizagem é um processo que se adequa às maneiras específicas de se aprender, ou seja, não existem abordagem/teoria certa ou errada, pois a aplicação da abordagem/teoria será adequada ou não a depender do contexto em que é desenvolvida (BESSA, 2008).

Bessa (2008) diz que o processo de aprendizagem se define na forma como são internalizadas as informações disponíveis na vida de aprendiz do indivíduo. A forma como essas informações são dispostas e arrumadas e como o indivíduo organiza essas informações e as associa a outra informação já concebida é o que define a aprendizagem.

A partir de estudos realizados no século XX, percebeu-se que era através da aprendizagem que o homem adquiria hábitos e comportamentos. Além disso, a aprendizagem passou a ser definida como processo de aquisição de novos conteúdos a partir de um sistema de trocas (homem-meio) constante (BESSA, 2008, p. 10).

Percebe-se que a aprendizagem é um processo coletivo, onde as trocas são estabelecidas não somente entre indivíduos, mas também na forma como o meio influencia o comportamento humano. A aprendizagem depende de elementos importantes que contribuem para o crescimento do indivíduo. De acordo com Bessa (2008) tais elementos se constituem pela:



a) memória - a capacidade de armazenar informações no cérebro e recuperá-las para realizar novas associações.

[...] analogia entre memória humana e memória de computadores a partir de sistemas de input (entrada) e output (saída) de informações, onde as mesmas são acessadas a partir de estímulos dados pelos usuários. No nosso caso, os aprendizes. (BESSA, 2008, p. 10).

b) atenção - para Eysenck e Keane (1984 apud BESSA, 2008) a atenção pode ser desencadeada por estímulos internos – vontade de conhecer mais sobre algo, curiosidade – ou por estímulos externos – reconhecer a necessidade do conhecimento para atingir determinado objetivo, como aprovação no vestibular ou concurso. Portanto, se a atenção não for estimulada, a possibilidade do indivíduo se desinteressar e se desconectar do que está sendo ensinado é grande, ou seja, é preciso descobrir os estímulos certos de acordo com o perfil do aprendiz.

c) interesse - resposta do sujeito ao estímulo que o objeto lhe gera. “Um aluno emocionalmente envolvido com o conteúdo aprende mais”. (GENTILE, 2005 apud BESSA, 2008).

d) inteligência - capacidade de resolução de problemas, considera-se também caminhos diferentes para tal resolução, visto que a aprendizagem passa pela percepção, ou seja, a forma como o indivíduo compreende e interpreta o mundo. Portanto, associações feitas no momento em que se aprende novas informações, influencia na resolução de problemas e é preciso considerar como a inteligência de cada um se desenvolve (BESSA, 2008).

A aprendizagem da vida, baseada em dois eixos, considera o exame de si, portanto mostrando as deformações do preconceito e o exame das mídias, que desvelaria o discurso por trás de imagens, permitindo que o indivíduo perceba características multidimensionais da realidade humana, trazendo reflexões sobre o destino individual, social, planetário e universal por meio da ação de professores (MORIN, 2010 apud DOYLE, 2017). Disto isto, a aprendizagem como processo coletivo, além de envolver os elementos complexos elencados acima, as trocas estabelecidas entre os indivíduos envolvidos influenciam no comportamento humano.

Para fins deste estudo indica-se como exemplo de uma teoria sociointeracionista que se aplica ao processo de aprendizagem dos nativos digitais é a “pedagogia libertadora” de

Paulo Freire. Para Bessa (2008), Paulo Freire adota um modelo educacional que se insere no conjunto de práticas relacionadas com a pedagogia libertadora, uma vez que trabalha com temas centrados na realidade social, na qual não se dá importância à transmissão dos conteúdos específicos e sim a despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida, tendo em vista a ação coletiva diante de problemas e realidades do meio socioeconômico e cultural da comunidade local. Assim como Palfrey (2011) e Tapscoott (1999), a principal preocupação de Freire é a desigualdade social. Para eles, as oportunidades oferecidas apenas para alguns e como essa realidade interfere no processo de aprendizagem. “A educação não é neutra e os problemas educacionais são reflexos do contexto social no qual o indivíduo está inserido.” (FREIRE, 1982 apud BESSA, 2008, p. 112).

Para Bessa (2008), na concepção de Paulo Freire, essa desigualdade não deveria existir, pois todos têm direito de exercer sua cidadania, sendo que esse direito só se dará à medida que todos os indivíduos sejam alfabetizados dentro do conceito de alfabetização cultural.

[...] significa aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunho de sua história. [...] Segundo seu método, devemos, primeiramente, investigar o universo das palavras faladas no meio cultural do alfabetizando. Desse modo, o alfabetizando decodifica os símbolos e os comportamentos que passam a ser expressos na forma escrita, construindo ativamente a sua cultura. (FREIRE, 1982 apud BESSA, 2008, p. 113).

Percebe-se um processo de valorização do indivíduo no que tange à aprendizagem. Tal aprendiz desvincula-se do conceito de aluno como mero discípulo, ou ser sem luz, para traçar seu próprio processo a partir de sua forma única em associar informações, valorizando sua história, suas experiências e enaltecendo a forma singular de aprendizagem. Com a alfabetização cultural, temos como resultado a melhoria do profissional da educação, tanto na prática pedagógica quanto cidadão, visto que esse profissional desenvolverá uma visão crítica e mais próxima da realidade do aluno, logo, diminuindo a ocorrência de estigmatização, da rotulação e da consequente exclusão escolar (BESSA, 2008). Bessa (2008) aponta as consequências positivas de uma abordagem como essa proposta por Freire, dizendo que

Seria então pela libertação, conseguida a partir do processo de alfabetização realizado pela leitura crítica do mundo, que os oprimidos começariam sua jornada em direção a novas descobertas sobre suas realidades e seus lugares sociais (BESSA, 2008, p. 113).

A proposta pretende que o indivíduo seja cada vez mais capacitado para ser autônomo e crítico em uma realidade onde sua autonomia seja respeitada e valorizada. Para Freire (2002) esse processo faz parte de princípios éticos adotados na relação educador/educando. Ao ser bem equilibrado e respeitado, o educador é capaz de impor limites a liberdade do aluno sem abusar de sua autoridade, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto (FREIRE, 2002).

De forma a relacionar as noções de competência em informação e de aprendizagem no campo de estudos da informação e das práticas biblioteconômicas, Tewel (2015) contribui destacando a atuação do bibliotecário ao basear-se em Freire para salientar que a autonomia e a crítica oferecem a possibilidade de mudança e esperança. Para o autor, o bibliotecário deve se esforçar e reconhecer o potencial de educação ao capacitar alunos no agir sobre estruturas opressivas, ou seja, o bibliotecário assume um papel como ator no processo de aprendizagem sociointeracionista ao compreender a realidade social da comunidade que atende e, por meio de seu potencial de educação na medida em que pode agregar informações proveitosas e transmiti-las para motivar a ação coletiva que muitas vezes pode ser melhor compreendida pelos usuários se trabalhada dentro do espaço da unidade de informação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método utilizado é a coleta exploratória com abordagem qualitativa e descritiva para embasamento teórico que possibilitou elaborar uma abordagem específica sobre o processo de aprendizagem de nativos digitais das Faculdades Integradas Hélio Alonso, do curso de graduação em Jornalismo, Publicidade e Turismo. Segundo Gil (2008), tal método tem como finalidade o desenvolvimento, esclarecimento e modificação dos conceitos e ideias, com o objetivo de formular problemas precisos ou possíveis hipóteses para estudos posteriores. Para isso o levantamento bibliográfico realizado buscou conceitos da competência em informação, nativos digitais e teoria sociointeracionista e as possíveis relações entre as áreas, para alinhar os resultados a partir de entrevistas delineadoras da prática de busca dos alunos participantes.

#### 3.1 CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA

O campo de pesquisa foi a Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) devido a contínuo contato com os alunos usuários da biblioteca ao longo do período de estágio na Biblioteca Central. A FACHA tem 45 anos de serviços prestados à educação e é referência nos cursos voltados para Jornalismo, Publicidade e Propaganda devido ao investimento em recursos como a TV FACHA, a rádio e revista produzidos pelos alunos. A Biblioteca central dispõe de um acervo de mais de 50 mil itens, sendo especializado nas áreas de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Radialismo, Relações Públicas, Cinema, Turismo, Direito, Administração, Marketing, Recursos Humanos, Comércio Exterior e Gestão Desportiva.

De acordo com Barbetta (2002), população é o conjunto de elementos que formam o universo do estudo proposto e que são passíveis de observação. A amostra configura uma parte destes elementos. Com o intuito de alcançar o objetivo deste trabalho, apresenta-se como população todos os estudantes dos cursos de graduação oferecidos pela FACHA, o que soma aproximadamente 3000 discentes. Com o objetivo de analisar a prática informacional e a relação com a competência em informação, elencando características de nativos digitais e definindo o processo da aprendizagem da amostra escolhida, ou seja, os alunos de graduação do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo, foi utilizado um total de 20 respondentes do questionário estruturado por 10 perguntas fechadas, onde 2 questões permitiam explicação voluntária, garantindo que ligações entre elementos direcionados à

manifestação do objeto de estudo sejam entendidos (MINAYO, 2007). Pretende-se, segundo Minayo (2007), utilizar o quadro teórico inicialmente desenhado para correlacionar com a análise dos dados levantados na pesquisa, portanto, oferecendo dimensões teóricas e interpretativas como sugestão..

### 3.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A proposta de coleta e análise de dados apresentada nesta seção pretende detalhar o percurso realizado para elaboração do instrumento de coleta, utilização, objetivo e método de análise. Pauta-se no desenvolvimento de questionário com perguntas abertas e fechadas definido por Gil (2008, p. 121) como uma "[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.". O documento de coleta de dados, conforme indicado no apêndice A, apresenta 10 perguntas que contemplaram os objetivos propostos neste trabalho. A análise de dados foi realizada a partir dos eixos temáticos identificados como essenciais para a resolução do problema de pesquisa.

Nos aspectos éticos da pesquisa, destaca-se que os respondentes, após a exposição dos objetivos da pesquisa e metodologia, consentiram livremente o uso das informações coletadas (apêndice B), salvaguardada a liberdade para desistir, em qualquer tempo, de participar em caso de desconforto ou risco.

Para a coleta de dados, foi estabelecido um contato prévio, via e-mail, com o professor responsável pela disciplina Métodos e técnicas de pesquisa. Esperava-se, com isso, ter acesso a turma do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo da unidade Botafogo, que tinha como total 49 matriculados. A escolha da turma foi motivada pelas características gerais dos discentes, uma vez que, se ingressaram imediatamente após a conclusão no ensino médio na “idade certa”, podem ser considerados nativos digitais se forem relacionados aos aspectos da faixa etária.

A sistematização do questionário possibilitou que as perguntas fossem elaboradas de modo que pudesse alcançar o objetivo de verificar a prática informacional dos alunos considerados nativos digitais de acordo com o referencial teórico e como se dá o processo de aprendizagem sociointeracionista relacionando-os a competência em informação, portanto, as

temáticas sobre prática informacional, teoria sociointeracionista e nativos digitais foram eixos fundamentais para a elaboração das perguntas.

A primeira pergunta, sobre o ano de nascimento, considerou que os nativos digitais, de acordo com Prensky (2001a) são aqueles nascidos na década de 1980. Com isso, os respondentes nascidos a partir de 1980 foram considerados nativos digitais.

1) Qual das opções abaixo abrange o ano que você nasceu?

- a) Até 1980
- b) A partir de 1980

Complementarmente buscou-se observar o ponto de vista da pessoa sobre sua relação com as tecnologias de modo que ela mesma indicasse se é ou não nativa digital. O objetivo dessa pergunta era ampliar as delimitações cronológicas do que vem a ser nativos digitais.

2) Nativos digitais são pessoas familiarizadas com a internet e constantemente interagem por meio de redes sociais, além de terem os principais aspectos de suas vidas mediados pelas tecnologias digitais. Você se considera um nativo digital? (foi colocado o conceito de nativo digital para melhor compreensão do termo)

- a) Sim
- b) Não

As perguntas de 3 e 4, apresentadas abaixo, relacionam-se com a teoria sociointeracionista, bem como as características referentes aos nativos digitais elencadas por Lehmkuhl (2012) e Palfrey (2011). Para isso, os respondentes foram perguntados sobre as ações, formas e meios de aprendizagem.

3) Como você aprende (escolha 1 opção ou mais)?

- Jogando
- Lendo
- Assistindo a filmes ou vídeos
- Pesquisando
- Conversando
- Outra: \_\_\_\_\_

4) Se você interage com outras pessoas quando aprende: você considera que as mídias sociais (Facebook, Instagram etc.) facilitam isso?

- a) Sim
- b) Não

As perguntas 5 e 6 buscaram verificar a perspectiva da aprendizagem sociointeracionista no que tange o desenvolvimento por meio de interações sociais realizadas pelo sujeito que aprende (BESSA, 2008):

5) Você interage com outras pessoas quando está aprendendo?

- a) Sim
- b) Não

6) Você gosta de trabalhar coletivamente?

- a) Sim
- b) Não

As perguntas 7 e 8 abarcam a teoria sociointeracionista com um foco específico na Pedagogia da Libertação e na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Busca analisar a relação educador/educando (FREIRE, 2002) e a valorização de experiências pessoais (FREIRE, 1982 apud BESSA, 2008):

7) Você considera que a relação com os professores promove a sua autonomia? Por que?

- a) Sim
- b) Não

8) Suas experiências de vida influenciam na forma que você aprende novos conteúdos?

- a) Sim
- b) Não

As últimas questões referem-se, respectivamente, à prática informacional dos respondentes no que tange os processos de busca e uso de informação constituídos coletivamente (ZATTAR, 2017) e às ações biblioteconômicas propostas por Tewell (2015) e Lankes (2012).

9) Se você respondeu que pesquisa: como você busca informações para aprender sobre determinado assunto?

- a) Uso buscadores (Google, por exemplo)
- b) Uso a biblioteca
- c) Uso base de dados (Scielo)

10) Se você usa a biblioteca, o que procura?

- a) Um espaço físico
- b) O acervo
- c) Os serviços

A realização da coleta de dados aconteceu no dia 14 de novembro do ano corrente durante os 15 minutos finais da aula e contou com os 20 participantes presentes na oportunidade o que correspondeu a 100% de participação da turma. Alguns optaram por não responder algumas questões. Cabe ressaltar que, embora não fosse previsto na metodologia, foram percebidas também as falas dos discentes durante a atividade, já que tais informações complementaram os dados coletados no questionário.



#### **4 PRÁTICA INFORMACIONAL DOS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOCIOINTERACIONISTA**

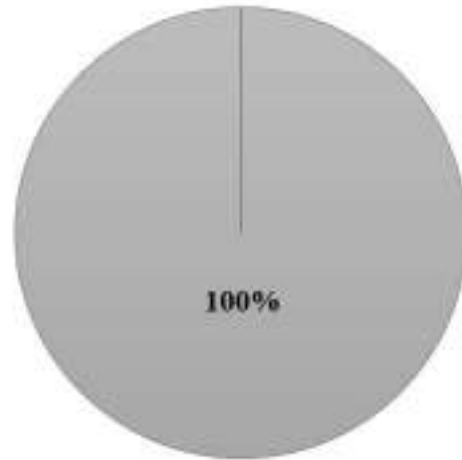
O interesse pelas práticas de competência em informação capazes de estimular habilidades informacionais e alcance de melhores resultados na aprendizagem motivou a pesquisa no contexto informacional. Do ponto de vista pedagógico, o estudo parte do escopo da Biblioteconomia focado na competência em informação no ambiente educacional dos nativos digitais, bem como no processo de aprendizagem estabelecido em sala de aula.

Indica-se que pesquisar sobre a prática informacional dos respondentes possibilitou elencar as principais características dos nativos digitais presentes na amostra, definir o processo de aprendizagem sociointeracionista envolvido e relacionar a prática informacional observada com a necessidade de competência em informação e com o papel do bibliotecário como educador na construção coletiva da informação.

Assim, tem-se que, diante da concepção de que a competência em informação é um conjunto de habilidades que abrangem uma descoberta reflexiva da informação. A American Library Association (2016) observa que as habilidades do ponto de vista da construção coletiva do conhecimento coloca os sujeitos como participantes de espaços colaborativos e considerando a competência em informação para além das habilidades de localização, avaliação e uso, portanto, abrange as possibilidades de aprendizado e construção coletiva.

A primeira observação retirada dos dados de pesquisa é que todos os alunos do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo são nativos digitais (gráfico 1) de acordo com a delimitação de Prensky (2001a), ou seja, nascidos a partir da década 1980, onde a internet é familiar e a experiência é de total imersão na tecnologia. Na questão a ser respondida, a qual forneceu os dados para a construção do gráfico 1, os alunos tinham a opção de apontar se eram nascidos até a década de 1980 ou a partir da década de 1980, esta delimitação de Prensky coincide com o que Ted Nelson e Douglas Engelbart (1962) idealizaram para organizar o acesso a crescente informação disponível na Internet, logo, da década de 1980 a Web surgiu (SOUZA; AVARENGA, 2004).

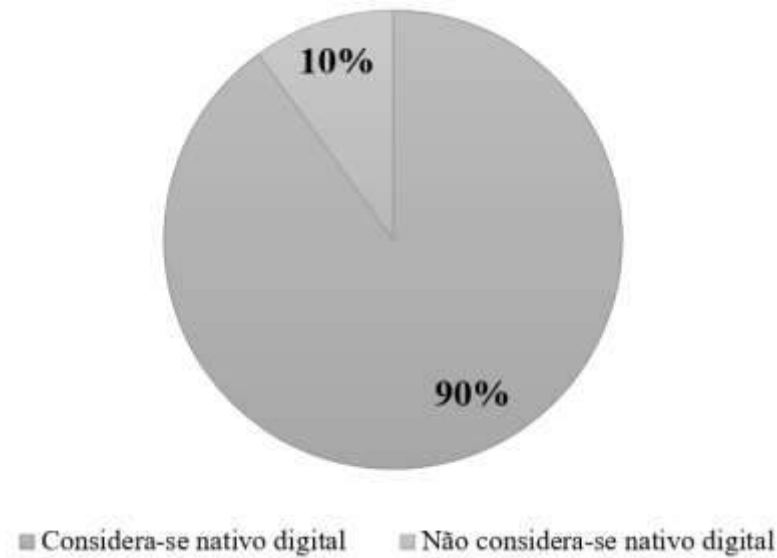
Gráfico 1 – Nascidos a partir de 1980



Fonte: a autora.

Há a hipótese, mediante a resposta unânime dos participantes, de que todos tem alguma experiência com a Web e, portanto, apresentam características comuns aos nativos digitais. Por outro lado, nem todos consideram-se nativos digitais (gráfico 2) a partir da definição que lhes foi dada no questionário. Segundo Lehmkuhl (2012) e Palfrey (2011), nativos digitais são pessoas familiarizadas com a internet e constantemente interagem por meio de redes sociais, além de terem os principais aspectos de suas vidas mediados pelas tecnologias digitais. 10% dos participantes não se identificaram com a definição, possivelmente devido ao fato de alguns respondentes não se sentirem a vontade no ambiente digital por falta de habilidades ou interesse nas propostas das redes sociais. Vale ressaltar que nem todos os respondentes talvez compartilhem da mesma camada social e como Palfrey (2011) aponta, o acesso desigual a Internet pode ser determinante na medida em que há um impacto no cotidiano.

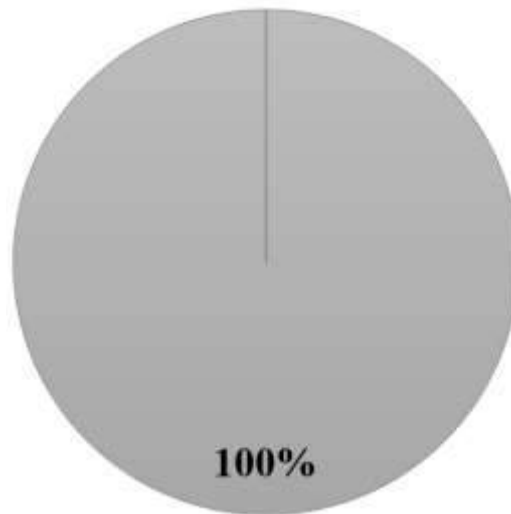
Gráfico 2 – Indentificar-se como nativo digital



Fonte: a autora.

Todos os participantes apontaram interesse em recursos no processo de aprendizagem que, de alguma forma, oferecem entretenimento aliado à educação, todos os alunos marcaram uma ou mais opções dentre “pesquisa”, “leitura”, “conversa”, “filmes ou vídeos” e “jogos”. Desta maneira, confirmando o que Lehmkuhl (2012) e Palfrey (2011) colocam como característica dos nativos digitais no que tange a educação relacionada ao entretenimento com jogos, recursos visuais como gráficos, imagens e textos, acesso a informação de modo interativo como o hipertexto e preferem informações por meio de múltiplas fontes multimídia. Ressalta-se que “pesquisa” foi a opção marcada por 100% (gráfico 3) dos participantes, informação que será utilizada nas análises sobre a prática informacional da amostra escolhida. Para o recurso “pesquisa”, será apresetado um gráfico individual e o restante dos recursos marcados estarão representados no gráfico 4.

Gráfico 3 – Recursos de aprendizagem 1

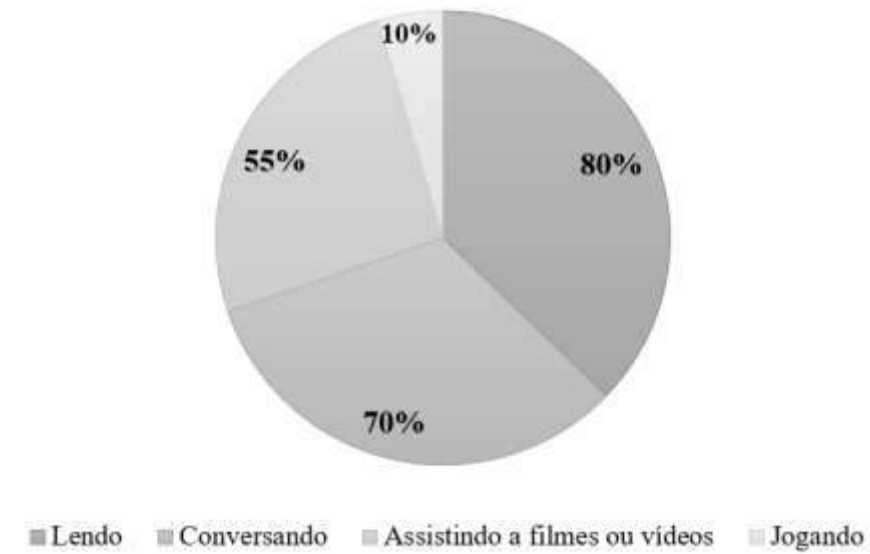


Fonte: a autora.

O recurso “pesquisando” (facilitador) de aprendizagem ilustra no gráfico 3 que todos os alunos respondentes do questionário priorizam a busca por informação por meio da Web, utilizando *browsers* como o Google (gráfico 8).

O gráfico 4, além de demonstrar o interesse dos alunos em recursos no processo de aprendizagem, traz contribuições no que tange a aprendizagem sociointeracionista, pois 70% da amostra indicou que aprende conversando, ou seja, para estes as interações sociais realizadas ao aprender também são responsáveis pelo processo de aprendizagem, levando em consideração elementos complexos como a memória, a atenção, o interesse e a inteligência (BESSA, 2008).

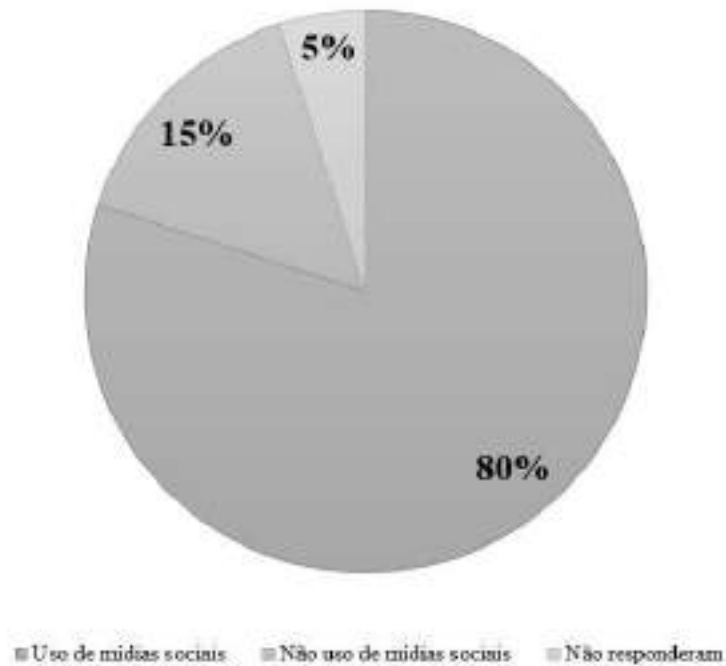
Gráfico 4 – Recursos de aprendizagem 2



Fonte: a autora.

É comum aos nativos digitais a utilização de mídias sociais, partindo de um ponto de vista otimista da tecnologia (LEHMKUHL, 2012). Ao serem perguntados sobre o uso de mídias sociais como o Instagram, Facebook, etc. para aprenderem 80% afirmaram que são recursos proveitosos (gráfico 5). Esse recurso também sustenta, de certa forma, as interações sociais que o sujeito pode estabelecer no que tange o processo de aprendizagem sociointeracionista, supõe-se, portanto, que uso de redes sociais no âmbito da educação poderia ser um recurso positivo se utilizado a favor da aprendizagem.

Gráfico 5 – Mídias sociais como recurso de aprendizagem



Fonte: a autora.

Percebe-se que alguns questionamentos apresentados aos respondentes complementam mais de um referencial teórico presente no trabalho. O gráfico 6 demonstra que para grande parte dos nativos digitais participantes da pesquisa a interação faz parte do processo de aprendizagem, reafirmando Lehmkühl (2012) no que tange o melhor funcionamento cognitivo ao realizar atividades colaborativas e construir conhecimentos juntos. Tal informação abarca a perspectiva da aprendizagem sociointeracionista (BESSA, 2008), tais interações podem ser consideradas interações entre as pessoas que atuam envolvidas no processo de aprendizagem.

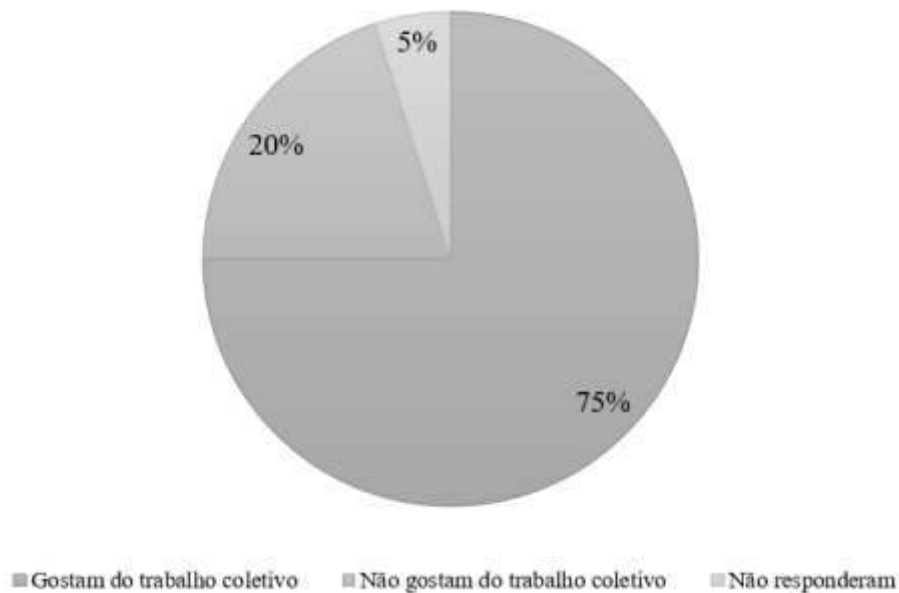
Gráfico 6 – Interação com outras pessoas



Fonte: a autora.

A pesquisa demonstra que, mesmo reconhecendo a interação social como importante fator no processo de aprendizagem, a porcentagem de alunos pré dispostos a explorá-la reduz de 90% para 75%, mas ainda sim, sendo a maior porcentagem na amostra avaliada nesta questão. Aparentemente, pelo fato de nem todos se considerarem nativos digitais devido a algumas circunstâncias, a pré disposição e habilidade em lidar com outras pessoas ao trabalhar coletivamente podem ser dificultosos.

Gráfico 7 – Gosto pelo trabalho coletivo



Fonte: a autora.

A relação entre interação social e aprendizagem é bem reconhecida dentro da amostra analisada. Esta afirmação ganha força quando o foco da aprendizagem sociointeracionista especifica-se na Pedagogia da Libertação e da Autonomia de Paulo Freire. Viu-se que 100% dos participantes afirmam que a relação direta com o professor promove autonomia do aluno. Segundo Freire (2002), a relação educador/educando deve promover a autonomia do indivíduo tornando-o capacitado e crítico, impondo respeito e valor. Tais princípios são considerados éticos, visto que o educador impõe limites a liberdade do aluno, ao passo que valoriza seu direito de ser curioso e inquieto. Metade da amostra justificou respostas sobre a promoção da autonomia pelo professor e sobre as experiências pessoais agregarem ao processo de aprendizagem. A outra metade apenas marcou “sim” para os questionamentos. Parte-se do pressuposto que as repostas sustentam as perspectivas de aprendizagem social apresentadas. Segue abaixo dois relatos de participantes que justificam em parte a unanimidade da amostra:

a) Você considera que a relação com os professores promove a sua autonomia? Por que?

“Sim. Na maioria das vezes sim, por eles me deixarem a vontade nas escolhas, mas ao mesmo tempo dando as devidas orientações” (Respondente A).



“Sim. Os professores costumam impulsionar a autonomia do aluno incentivando a um crescimento diário/ constante” (Respondente B).

Os relatos que foram recortados representam a opinião do total da amostra, visto que as outras justificativas não fogem muito do linha de raciocínio das respostas apresentadas acima. Demonstram que os alunos percebem o papel do professor como alguém capaz de orientar sem interferir no processo de escolha do aluno capacitando-o em no crescimento individual e respeitando a liberdade de escolha.

A interação social também é um fator importante na libertação, pois, de acordo com Freire (1982 apud BESSA, 2008), é a partir do reconhecimento da realidade social que é possível ao aluno valorizar sua história, suas experiências e enaltecer sua forma singular de aprendizagem. Assim, tem-se que 100% da amostra reconhece que as experiências pessoais contribuem no processo de aprendizagem. Mediante ao fato das respostas terem sido unânimes, fez-se necessário destacar justificativas dadas pelos respondetes que melhor ilustrassem o posicionamento da amostra:

a) suas experiências de vida influenciam na forma que você aprende novos conteúdos?  
Por que?

“Sim. Porque com o que você aprende diariamente você consegue aplicar no mundo virtual, ampliando seu conhecimento sobre novos conteúdos” (Respondente C).

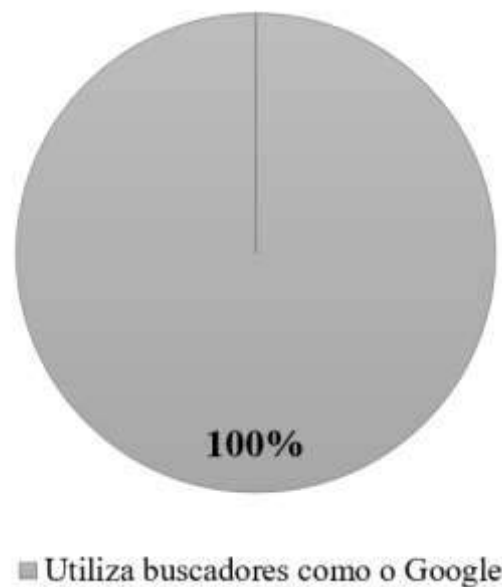
“Sim. As minhas experiências tanto profissionais quanto de lazer sempre agregaram em novos conteúdos, como por exemplo, aprender a surfar. Consegui controlar minhas respiração e principalmente a ansiedade. Coisa que eu nunca consegui nem com remédios e terapias” (Respondente A).

Nos recortes apresentados percebe-se não somente a relação social que se estabelece na construção da aprendizagem social, que leva em consideração comportamentos para melhor socialização, mas considera-se também uma aprendizagem humana, pois não valoriza somente processos mentais ou estímulos do meio em que o indivíduo se insere, leva em consideração relações para além de processos como as estabelecidas pelo sujeito durante o individual processo de aprender. Esta afirmação justifica porque a pedagogia libertadora e a pedagogia da autonomia recebem o foco a exemplo de teoria sociointeracionista, a adoção de

modelos educacionais que centrados na realidade social ou no conjunto de práticas em comum, desperta a relação do aprender com experiências vividas.

As próximas perguntas que forneceram dados analisados serviram para evidenciar a prática informacional da amostra. Como aponta o gráfico 3, todos os respondentes afirmam que “pesquisando” é a forma mais utilizada para aprender. Foi questionado a eles como buscam informações para aprender determinado assunto, 100% dos participantes utilizam buscadores (*browser*) como o Google.

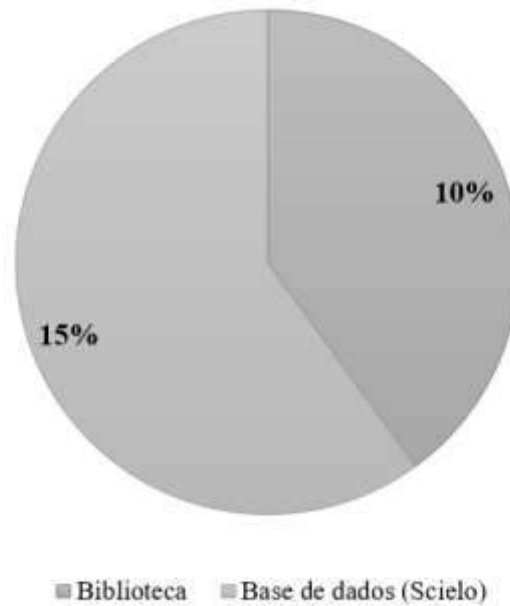
Gráfico 8 – Utilização de browser para pesquisa



Fonte: a autora.

Além de buscadores, os participantes marcaram outras opções como utilizar a biblioteca (15%) e/ou base de dados (10%) apontadas no gráfico abaixo:

Gráfico 9 – Meios de buscar informações



Fonte: a autora.

Um dos respondentes, ao deparar-se com essa questão sobre como buscar informações para aprender, demonstrou não saber do que se tratava a base de dados SciELO e perguntou o que era. O desconhecimento por parte da comunidade pode justificar o motivo pelo qual bases de dados são as menos utilizadas na busca por informação por essa comunidade. A utilização da biblioteca central também demonstra um percentual baixo, supondo que a falta de informação sobre base de dados pode se relacionar com a ausência de um serviços que a biblioteca pode oferecer para auxiliar no processo de aprendizagem e consequentemente na prática informacional da amostra analisada. Tais dados podem ser relacionados ao fato dos discentes não terem sido estimulados ao uso das bibliotecas no ensino médio ou fundamental ou ainda por não terem sido apresentados ao espaço e aos serviços informacionais da Faculdade. Fundamenta-se a análise na apresentação do gráfico 10, que aponta a porcentagem de utilização da biblioteca central da faculdade, seja em busca do espaço (20%), em busca do acervo (30%) ou em busca de serviços (15%).

Gráfico 10 – Utilização da Biblioteca



Fonte: a autora

Nas respostas percebe-se que todos os respondentes são nativos digitais. Apesar de 10% não se sentirem representados pela definição apresentada no referencial teórico deste trabalho e no instrumento da coleta de dados. No entanto, uma das características principais que os representam, que é a utilização de recursos (facilitadores) no processo de aprendizagem, foi escolhida por 100% dos participantes. A aprendizagem no que tange os recursos e mídias sociais não acompanha o ponto de vista da maioria, logo, 80% considera as redes/ mídias sociais úteis no processo de aprendizagem, discordando dos outros 20%. No escopo da aprendizagem sob o ponto de vista sociointeracionista, 90% afirmam que aprendem ao interagir com outras pessoas, porém a porcentagem cai para 75% quando questionados sobre a disponibilidade/ interesse/ disposição em trabalhos e trocas coletivas. O total de respondentes reconhece que a relação educador/educando é positiva ao afirmar que o professor influencia diretamente na autonomia do aluno, bem como as experiências pessoais foram reconhecidas e valorizadas no processo de aprendizagem dos alunos do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo. Por fim, 65% responderam que utilizam a biblioteca seja pelo espaço físico, pelo acervo ou por serviços oferecidos, representando a menor porcentagem dos dados.

A prática informacional supõe interação entre os processos de busca e uso de informação estabelecidos pela comunidade de prática. Tem-se que apesar dos estudos e práticas da Competência em Informação ter sido apresentada sob a perspectiva de habilidades de localização, avaliação e uso efetivo da informação desde em 1989 (e posteriormente em

2001 e 2016) por uma das maiores instituições que lida com o espaço da universidade e seu público em nível internacional, a American Library Association.

Em síntese, viu-se que neste estudo a necessidade de incorporar habilidades flexíveis e adaptáveis ao ambiente digital, haja vista que as comunidades de práticas e a construção social influenciam no sujeito. Desse modo, há necessidade do foco específico no indivíduo e na sua prática informacional de forma que o nativo digital possa desenvolver suas habilidades de competência em informação na construção do conhecimento. Observa-se resistência ao trabalho coletivo trazendo a suposição de que a falta de lugares e espaços que permitam a aprendizagem coletiva para construção do conhecimento pode ser o fator agravante. Esta suposição não se baseia somente na falta de interesse em trabalho coletivo, mas também na forma como a Biblioteca é utilizada. A maior porcentagem (35%) representa os alunos que não utilizam a biblioteca, reforçando a falta de visão coletiva e construção de conhecimento em um ambiente propício e proveitoso como é a unidade de informação.

Por fim, indica-se o papel do bibliotecário como agente transformador e potencial educador para o estímulo à autonomia e à crítica gerando possibilidades de mudança e esperança. Portanto, afirma-se que a definição do processo de aprendizagem sociointeracionista deve expandir os limites e atores tradicionais para que seja possível o estímulo em diferentes contextos e comunidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como finalidade verificar a prática informacional dos nativos digitais a partir do estudo do processo de aprendizagem sociointeracionista dos alunos da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa do terceiro período do curso de Jornalismo, Publicidade e Turismo da unidade Botafogo da FACHA. Para isso, foi analisado, por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas, a prática informacional e as principais características dos nativos digitais que compunham a amostra e o processo de aprendizagem sociointeracionista. Mediante as práticas informacionais apresentadas pelos respondentes e as características de nativos digitais salientadas ao longo da pesquisa, a competência em informação (Coinfo) surge como uma proposta de estímulo de habilidades informacionais para definir o alcance de melhores resultados no que tange a aprendizagem no contexto informacional.

O profissional bibliotecário tem papel de destaque como educador que participa da construção coletiva da informação, por meio da promoção de um aprendizado que permita possibilidades para além da formação acadêmica dos estudantes. A formação multi, inter e transdisciplinar o coloca, frente às novas tecnologias, como um ator capaz de superar os desafios que se apresentam na chamada era da informação em que a produção do conhecimento assume uma centralidade. No âmbito da aprendizagem sociointeracionista, os desafios também surgem para que o bibliotecário não seja visto como um obstáculo ou assuma uma posição de atrito com professores na obtenção de espaço, mas que seja mais um ator no processo de aprendizagem dos nativos digitais e que assim trabalhe colaborativamente e cooperativamente. Assim sendo, neste trabalho pode-se perceber que o profissional bibliotecários relaciona-se com a aprendizagem sociointeracionista como agente de transformação, instigando o respeito às opiniões, debates, observação do meio social para emancipação social dos aprendizes são essenciais para pensamento reflexivo e consequente aprendizagem.

O espaço e os serviços biblioteconômicos, seguindo a abordagem pedagógica, são capazes de ensinar e instruir diferentes culturas e classes sociais para fomento da autonomia e visão crítica dos usuários ao desenvolver atividades que ofereçam noções de competência em informação, especialmente na medida em que informações proveitosas podem motivar a ação coletiva em conjunto com práticas de habilidades adaptáveis ao ambiente digital.

Notou-se com essa pesquisa que as tecnologias de informação e comunicação e as mudanças sociais, econômicas e culturais que a acompanham devem ser analisadas a partir de um ponto de vista positivo pelo bibliotecário como uma oportunidade para extrapolar as tradicionais espaços e ações. Caso contrário a biblioteca e a ausência de seus serviços essenciais à comunidade que atende serão vistos como algo deslocado na produção do conhecimento de diferentes gerações.

No processo investigativo buscou-se verificar a importância da competência em informação e seu desenvolvimento no ambiente de aprendizado dos nativos digitais. Tal concepção evidencia-se na amostra no que tange o uso massivo de buscadores para realizar pesquisas no processo de aprendizagem, porém apresentando poucas habilidades para pesquisas científicas por meio de bases de dados, por exemplo. Portanto há necessidade de desenvolvimento de habilidades flexíveis e adaptáveis ao ambiente digital, haja vista que as comunidades de práticas e a construção social influenciam no sujeito. Esta concepção precisa ser considerada e salientada para que o profissional bibliotecário atente ao indivíduo e à sua prática informacional, instigando o desenvolvimento de habilidades de competência em informação na construção do conhecimento e atratividade do espaço que permite a aprendizagem coletiva oferecida pela biblioteca para construção do conhecimento.

Pode-se considerar que em outros ambientes educacionais onde a aprendizagem dos nativos digitais é trabalhada diariamente, a pesquisa oferece fatos que justificam a necessidade e a importância da parceria entre a área educacional e informacional na promoção da competência em informação dos nativos digitais e valorização do espaço das bibliotecas não somente como local de construção coletiva, mas que implemente o acesso igual a Internet, fator determinante do desenvolvimento de habilidades adaptáveis ao ambiente digital, desta forma, diminuindo o impacto no cotidiano.

Conclui-se a pesquisa com a sinalização de que gerações de alunos, professores e bibliotecários estão sob a influência da era da informação ao focar-se no processo de aprendizagem e na qualidade educacional e que a competência em informação contribui significativamente para melhor conhecer a tecnologia, administrá-la em sala de aula e utilizá-la de maneira positiva.

Por fim, sugere-se como próximos temas de pesquisas a análise da competência em informação do bibliotecário que atua como integrante da aprendizagem sociointeracionista. É interessante dedicar-se a propostas que possam influenciar de maneira positiva na prática informacional dos nativos digitais, promovendo os recursos informacionais disponíveis e,

mais ainda, a autonomia, a crítica e a ética da comunidade, seja qual for a geração. Do mesmo modo indica-se que os estudos sobre nativos digitais são recentes e um olhar teórico apresenta-se como ponto de partida para outros profissionais que se interessem pela temática e busquem entender mais a fundo o comportamento e prática informacional do nativo digital.



## REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College & Research Libraries. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago, 2016. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 21 out. 2016.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: UFSC, 2002.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine Books, 1972.
- BESSA, V. H. **Teoria da aprendizagem**. Curitiba: IESDE BRASIL, 2008.
- CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set/dez. 2003.
- CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000.
- CARTA de Marília. In: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: cenários e tendências. 3., 2014, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: UNESP, 2014. Não paginado.
- CASARIN, H. C. S. Competência informacional e midiática e a formação de professores de ensino fundamental: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 301-321, jan./jul. 2017.
- CATOR, K. “Ninguém sabe ainda como formar professores inovadores”, diz educadora que trabalhou na Apple e com Obama. **BBC Brasil**, São Paulo, 11 jan. 2017. Não paginado. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38536327>>. Acesso em: 15 set. 2017.
- CHU, H. **Information representation and retrieval in the digital age**. Medford: Asist&t, 2003.
- DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Sistema de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. 24., 2011, Maceió, **Anais...** Maceió: FEBAB, 2011. Não paginado.
- DOYLE, A. **A competência em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro**. 137f. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017
- DUDZIAK, E. A. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>>. Acesso em: 2 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Os faróis da sociedade da informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002..

GASQUE, K.C.G.D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **Ato Z**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013.

HATSCHBACH, M. H. L. **Information Literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para estudantes de nível superior. 2002. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2002.

HOWE, N.; STRAUSS, W. **Millennials rising**: the next great generation. Vintage Books, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. **Proposta inicial de trabalho do IBICT**: competência em informação. In: SEMINÁRIO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ENANCIB, 2., 2015, João Pessoa. Brasília, DF: IBICT, 2015. Não paginado.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. **Relatório geral do evento**. In: SEMINÁRIO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ENANCIB, 1., 2014, Belo Horizonte. Brasília, DF: IBICT, 2014. Não paginado.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. Haia, 2000. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfosoc-pt.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

LANKES, R.D. **Expect more**: demanding better libraries for today's complex world. Jamesville, NY: Riland Publishing, 2012. Não paginado. Disponível em: <[http://quartz.syr.edu/blog/?page\\_id=8330](http://quartz.syr.edu/blog/?page_id=8330)>. Acesso em: 16 dez. 2016.

LEHMKUHL, K.M. **Os nativos digitais e a recuperação da informação científica on-line**. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2013. Não paginado.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 89-93, 1995.

\_\_\_\_\_. Conhecimento e sociedade, pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, M. A. (Org.). **O campo da Ciência da Informação**. Joao Pessoa: UFPB, 2002. p. 101-116.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: **HUCITEC**, 2007.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 99-114, set. /dez. 2006.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A informação construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: <[http:// www.dgz.org.br](http://www.dgz.org.br)>. Acesso em: 17 out. 2017.

OBAMA, B. **National Information Literacy Awareness Month, 2009**: a proclamation. Washington, DC: White House, 2009. Não paginado.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, R.. **Desenvolvendo a Competência em Informação no ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. A. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 219-226, set./dez. 2012.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants: part 1. **On the horizon**, Londres, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001a.

\_\_\_\_\_. Digital natives, digital immigrants, part 2: do they really think differently? **On the horizon**, Londres, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001b.

ROLIM, E. A.; CENDÓN, B. V. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **Datagamazero**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2013.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “Umbrella Concepts” of information- seeking studies author(s). **Chicago Journals**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, abr. 2007.

SOUZA, R.R.; AVARENGA, L. A Web Semântica e suas contribuições para a ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 1, p. 132-141, jan./abr. 2004.

TAPSCOTT, D. **Geração digital**: a crescente e irreversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TEWELL, E. A Decade of critical information literacy: a review of the literature. **Communications in Information Literacy**, Tulsa, v. 9, n. 1, 2015.

THE INFORMATION BEHAVIOR CONFERENCE. ISIC : The Information Behaviour Conference. Information Seeking In Context Zadar, 2017 Disponível em: <<http://isic2016.com/?lang=en>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. **The journal of academic librarianship**, Amsterdã, v. 32, n. 4, p. 396-402, jul. 2006.

ZATTAR, M.; SÁ, N. O. Práticas de Competência em Informação na literatura nacional. In: SIMEÃO, E. L. M. S.; BELLUZZO, R. C. B. (Org.). **Competência em informação**: teoria e práxis. Brasília, DF: UNB, 2015. p. 123-134.

ZATTAR, M. **Prática informacional em redes no domínio da Governança da água**: um estudo sobre o processo de produção do conhecimento. 159 f. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

- 1) Qual das opções abaixo abrange o ano que você nasceu?
  - a) Até de 1980
  - b) A partir de 1980
  
- 2) Nativos digitais são pessoas familiarizadas com a internet e constantemente interagem por meio de redes sociais, além de terem os principais aspectos de suas vidas mediados pelas tecnologias digitais. Você se considera um nativo digital?
  - c) Sim
  - d) Não
  
- 3) Como você aprende (escolha 1 opção ou mais)?
  - Jogando
  - Lendo
  - Assistindo a filmes ou vídeos
  - Pesquisando
  - Conversando
  - Outra: \_\_\_\_\_
  
- 4) Se você respondeu que pesquisa: como você busca informações para aprender sobre determinado assunto?
  - d) Uso buscadores (Google, por exemplo)
  - e) Uso a biblioteca
  - f) Uso base de dados (Scielo)
  
- 5) Se você usa a biblioteca, o que procura?
  - d) Um espaço físico
  - e) O acervo
  - f) Os serviços
  
- 6) Você interage com outras pessoas quando está aprendendo?

- a) Sim
- b) Não

7) Se você interage com outras pessoas quando aprende: você considera que as mídias sociais (Facebook, Intagram etc.) facilitam isso?

- a) Sim
- b) Não

8) Você gosta de trabalhar coletivamente?

- a) Sim
- b) Não

9) Você considera que a relação com os professores promove a sua autonomia? Por que?

- a) Sim
- b) Não

---

10) Suas experiências de vida influenciam na forma que você aprende novos conteúdos?

Por que?

- a) Sim
  - b) Não
-

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:  
SUJEITO (A) DA PESQUISA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:  
SUJEITO (A) DA PESQUISA**

Grupo a ser pesquisado: terceiro período do curso de graduação Jornalismo, Publicidade e Turismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso. Você está sendo convidado (a) a participar como colaborador (a) da pesquisa “Prática informacional dos nativos digitais: um estudo a partir do processo de aprendizagem sociointeracionista”.

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/ Faculdade de Administração e Ciências Contábeis/ Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. E-mail de contato: comissaotcc.cbg@gmail.com

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marianna Zattar. E-mail de contato: mzattar@facc.ufrj.br

Orientanda: Tamiris Peniche. DRE: 113149987 E-mail: tamiris.peniche@gmail.com

**1 OBJETIVO DA PESQUISA:** Estudar a prática informacional de nativos digitais na aprendizagem sociointeracionista.

**2 EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS:** A coleta de dados é por meio de questionário com o propósito de obter informações que auxiliarão na contemplação dos objetivos propostos no trabalho. A análise de dados é realizada a partir dos eixos temáticos sobre Nativos Digitais, Competência em Informação e Aprendizagem Sociointeracionista.

**3 POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS:** Os procedimentos envolvidos neste estudo não devem proporcionar desconfortos ou riscos ao sujeito da pesquisa. Tampouco, proporcionará exposição de ideias e fatos não desejados.

**4 DIREITO DE DESISTÊNCIA:** O sujeito da pesquisa poderá desistir, a qualquer momento, de participar do estudo, não havendo qualquer consequência decorrente dessa decisão.

**5 SIGILO:** Todas as informações obtidas no estudo poderão ser publicadas com finalidade exclusivamente acadêmica. E será preservada a identidade do respondente (nenhum nome será identificado em qualquer material divulgado sobre o estudo). Para casos específicos, em que seja previamente combinado com o pesquisado, a publicação da identidade do (s) sujeito (s) deverá ser explicitamente autorizada no verso deste documento.

## **6 TERMO DE CONSENTIMENTO COMO SUJEITO DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, declaro ciência das informações acima com os devidos esclarecimentos das minhas dúvidas. Sendo assim, por este instrumento, tomo parte, voluntariamente, do presente estudo.

Rio de Janeiro, 13 nov. 2017

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante ou responsável.